

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO PARA REVOLUÇÃO NO LIVRO

“QUE FAZER?”

*Fábio José de Queiroz¹
Paula Emanuela Lima de Farias²
José Pereira de Sousa Sobrinho³*

RESUMO

Neste trabalho, pretende-se, mediante o uso da leitura imanente do livro “Que fazer?”, investigar a ideia de Lênin com relação à educação. Para ele, deve-se realizar ativamente o trabalho de educação política da classe operária e desenvolvimento da sua consciência política. Nessa óptica, “consciência política” e “atividade revolucionária das massas” se ligam de tal modo que uma não existe sem a outra. À luz dessa fundamentação, a consciência política ilumina a atividade revolucionária das massas, mas, com sinal trocado, só estas, por meio de sua ação concreta, podem lhe proporcionar materialidade. Não se trata de uma questão filosófica, mas de um problema político, prático. Lênin acredita na capacidade de aprendizagem do proletariado, que é o resultado de um tipo de pedagogia: pedagogia para revolução. O seu objetivo é educar politicamente as amplas massas, não para a conquista de um certificado, mas com a finalidade de subverter a sociedade e mudar o mundo. No pensamento de Lênin, educação, luta ideológica, consciência de classe, organização política e prática cotidiana, são momentos distintos e combinados de uma mesma totalidade complexa.

Palavras-Chave: Educação. Consciência de classe. Revolução.

THE CONCEPT EDUCATION OF REVOLUTION IN THE BOOK

“QUE FAZER?”

ABSTRACT

In this work, we intend, through the use of the immanent reading of the book “Que fazer?”, to investigate the idea of Lenin in relation to education. For him, one must actively carry out the work of political education of the working class and development of its political consciousness. In this sense, "political consciousness" and "revolutionary activity of the masses" are linked in such a way that one does not exist without the other. In the light of this foundation, political consciousness illuminates the revolutionary activity of the masses, but, with a changed signal, only these, through their concrete action, can give it materiality. This is not a philosophical question, but a practical, political problem. Lenin believes in the learning capacity of the proletariat, which is the result of a type of pedagogy: pedagogy for revolution. Its purpose is to politically educate the broad masses, not to win a certificate, but for the purpose of subverting society and changing the world. In Lenin's thought, education, ideological struggle, class consciousness, political organization, and everyday practice are distinct and combined moments of the same complex totality.

Keywords: Education. Class Consciousness. Revolution.

¹ Doutor em Sociologia (UFC) Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), onde é coordenador do Grupo de Estudo Marxista (GEM).

² Mestre em Educação (UFC)

³ Doutor em Educação (UFC)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se, mediante o uso da leitura imanente do livro “Que fazer?”, investigar a ideia de Lênin com relação à educação. Para ele, deve-se “empreender ativamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política” (1978:68). Ademais, a luta política se relaciona “à necessidade de desenvolver a consciência política em todos os seus aspectos” (Idem, p. 69).

Nessa *ótica*, “consciência política” e “atividade revolucionária das massas” se ligam de tal modo que uma não existe sem a outra. Obviamente, há uma convivência tensa entre atividade e consciência, e, nessa partilha, o desenvolvimento é desigual. À luz dessa fundamentação, a consciência política ilumina a atividade revolucionária das massas, mas, com sinal trocado, só estas, por meio de sua ação concreta, podem lhe proporcionar materialidade. Não se trata de uma questão filosófica, mas de um problema político, prático.

Lênin acredita na capacidade de aprendizagem do proletariado, que é o resultado de um tipo de pedagogia: pedagogia para revolução. O seu objetivo é educar politicamente as amplas massas, não para conquista de um certificado, mas com a finalidade de subverter a sociedade e mudar o mundo.

No pensamento de Lênin, educação, luta ideológica, consciência de classe, organização política e prática cotidiana, são momentos distintos e combinados de uma mesma totalidade complexa.

A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NA IDEIA DE EDUCAÇÃO EM LÊNIN

A Educação, tal como vista e compreendida no âmbito acadêmico, nunca se constituiu no centro da elaboração teórica de Vladimir Ulianov Lênin; mas, também, nunca deixou de acompanhá-lo.

Um olhar sobre a trajetória do líder revolucionário russo, de plano, revela o seu contato com esse tema desde o ambiente familiar, uma vez que o pai, Ilia Nikoláevitch Ulianov, dedicou parte dos seus 54 anos de existência às atividades diretamente vinculadas à instrução pública. A esse respeito, lê-se, em uma das tantas biografias de Lênin, a seguinte observação, em face do trabalho de Ilia: “entusiasta da instrução do povo, pedagogo por vocação” (1984:13). Com formação universitária e lecionando

Física e Matemática, de feito, ele conviveu com estádios diferentes em seu *métier* como educador, tornando-se depois inspetor e diretor de escolas primárias. Com relação a esses impulsos, era quase impossível que eles não se refletissem na formação moral e intelectual dos filhos.

De um químico (Alexandre)⁴ a um acadêmico de Direito (Lênin), os descendentes irão trilhar caminhos que, de alguma maneira, e com matizes diversos, se relacionariam com as preocupações do progenitor.

Nessa perspectiva, essa relação paralela de Vladimir Lênin com as práticas pedagógicas, teria o seu ponto final com o envolvimento da sua esposa e camarada de partido, N. K. Krúpskaia, na coordenação do trabalho de instrução pública, depois da conquista do poder político pelos bolcheviques.

Ante essas constatações, não seria tolice imaginar que o nosso personagem, de algum modo, pudesse se voltar à temática educacional. Convém, entretanto, ter em mente o fato de que Lênin jamais escreveu qualquer obra específica que ensejasse um lugar especial a esse tema em seu universo de preocupações intelectuais. É como se a temática lhe aparecesse como inapreensível. A hipótese que agasalhamos, no entanto, é a seguinte: trata-se simplesmente da aparência do fenômeno. Uma investigação mais densa, decerto, nos permitiria engendrar outro entendimento acerca da matéria.

Embora nunca tenha se constituído no centro da elaboração formal de Lênin, não é verdade que a Educação jamais tenha sido tematizada pelo principal dirigente da Revolução de Outubro, ou que, apenas a tematizou de modo terminantemente acessório. Nessa última conjetura, ao fim de um longo dia, o líder bolchevique não deixou de sugerir – ainda que, às vezes, nas entrelinhas – a atitude necessária ante o tema.

O problema que expressamos, no entanto, tem outra dimensão. Não se deve esquecer que as questões pedagógicas poderiam surgir com força e por vias, não necessariamente, de fácil visualização. Eis a nossa principal hipótese de trabalho. Efetivamente, o dirigente revolucionário situou o tema no cerne de toda a sua obra. Advertimos para o fato de que Vladimir Ulianov, a despeito de não haver escrito um só trabalho específico sobre a Educação, esse tema perpassou toda a elaboração que nasceu da sua pluma. Fazendo uma analogia, não custa rememorar que, embora não chegasse a escrever uma só obra em torno do temário das classes sociais, Marx nunca deixou de empregar como método o critério da luta de classes.

⁴ Alexandre Ulianov foi executado em 8 de maio de 1877, por participação no atentado contra o Czar Alexandre III.

Não é indispensável que um autor escreva um livro cujo título seja “O que fazer com a educação?” para que se conclua que o mencionado objeto compusesse o seu arco de preocupações teóricas e, por essa via, lhe evocar a autoridade necessária em torno do assunto. As coisas não são tão simples e diretas.

Desde já, partimos da seguinte propositura: para Lênin, a Educação tem um sentido particular; em última análise, é uma Educação para revolução.

Assim sendo, ainda que parecesse algo alheio ao longo dia da sua prática cotidiana e da sua reflexão política, a Educação teve sim, para o autor do “*Que fazer?*”, a importância de um ato que não se desvincularia do todo mais amplo e complexo da estratégia revolucionária. Nessa perspectiva, a Educação não é outra coisa senão Educação política; Pedagogia contra o capital; via inesgotável de revelação do novo que, para ele, só poderia ser o Socialismo. De fato, o seu horizonte pedagógico nunca esteve separado desse desiderato. Por isso, em seu pensamento, Educação, luta ideológica, consciência de classe, organização política e prática cotidiana, são momentos distintos e combinados de uma mesma totalidade complexa.

Como consequência desse quadro, frequentemente vem à tona todo potencial pedagógico dos escritos de Lênin apenas quando buscamos o seu conteúdo mais profundo, não em um hipotético trabalho voltado especificamente ao objeto, mas quando reavemos o objeto em um contexto e elaboração mais amplos. À sua maneira, portanto, o nosso protagonista evocou a dimensão educacional, não ao fim de um longo dia, mas ao longo de todo ele. Uma vez admitida essa suposição teórica, vejamos como essa premissa se encontra subjacente ao extenso trajeto de Vladimir Ulianov.

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO PARA REVOLUÇÃO NO LIVRO “QUE FAZER?”

Evidentemente, nos limites de um artigo, não há como escarafunchar a obra completa de Vladimir Ulianov e, por esse método, desvendar o compromisso do nosso autor com relação à temática pedagógica.

Pensamos inicialmente em reaver as premissas do pensamento leninista com suporte em uma das suas obras-chave: “*Que fazer?*” Por que exatamente esta obra? Certamente, um olhar sobre esse trabalho, indica a preponderância da ideia de Educação “para além” do cinzento do cotidiano, do econômico, do monocromático. Alude-se, assim, a uma concepção em que o ato formativo não se restringe ao mundo particular de

cada classe, mas se completa no panorama mais geral das relações entre todas as classes.

O problema, ora aventado, encontra a solução necessária no fato de que essa reflexão acompanhou Lênin por mais de vinte anos; ou seja, até os seus últimos dias de vida. Assim exposto, pensamos que está justificada a utilização inicial dessa obra-chave como referência para os estudos em torno das percepções leninistas ligadas às políticas e práticas educacionais. Ademais, em cada seção do “*Que fazer?*”, Lênin delinea os elementos fundamentais da sua concepção. Aqui, nos propomos a estabelecer os aspectos essenciais e decisivos do seu entendimento teórico.

Com origem nos pressupostos engelsianos de que, na grande luta pela transformação social, se deve reconhecer três e não duas formas de embate, Lênin adentrou no plano da educação política; assim, na esteira dessa conclusão de F. Engels, ele irá também destacar e discernir, além das formas econômicas e políticas, as de caráter teórico (ideológico). Assim, para Lênin, a luta ideológica e teórica exigiria estudo. Não bastariam as referências genéricas acerca do futuro socialista. Essa compreensão não se restringia à Educação das massas, ainda que essa se achasse em um plano prioritário. Essa maneira de dispor o problema, decerto, pode ser pressentida na ruminação teórica do autor:

Em particular, os dirigentes deverão instruir-se cada vez mais em todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da antiga concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado como uma ciência, isto é, ser estudado. (LÊNIN, 1978:35)

A obsessão de Vladimir Ulianov pelo estudo pode ser pressentida na sua célebre máxima: “Aprender, aprender, aprender sempre!”. Na obra “*Que fazer?*”, entretanto, ficou evidenciada a sua crença de que a classe operária, que lutava contra os patrões, poderia exatamente levar a cabo o seu processo de Educação política.

Mas o que seria essa Educação política?

Malgrado as nuances do raciocínio leninista, parece ser possível recobrar os seus traços essenciais. Efetivamente, a experiência de classe, no plano econômico, espontaneamente, engendra o processo de aprendizagem. Como Lênin abordou essa questão, ainda hoje, é objeto de inenarráveis controvérsias. Os seus detratores preferem ressaltar a suposta falta de sensibilidade do líder bolchevique com relação à instrução espontânea das massas. Ao contrário dessa lógica discursiva, no entanto, Vladimir

Ulianov reconhecia a importância do “elemento espontâneo”, que, na sua interpretação, não seria “mais do que a forma embrionária do consciente”. O que caracteriza a sua reflexividade, antes de tudo, é o fato de que ele acreditava que as amplas massas, particularmente o proletariado industrial, poderiam ultrapassar o simples exercício da espontaneidade e se situar em um plano mais abrangente de instrução política.

Lênin, contudo, chamou a atenção para o fato de que esse processo mais abrangente de instrução política só poderia ser introduzido de fora da luta puramente econômica. Se os operários permanecessem isolados no confronto contra o patrão da firma, não desenvolveriam a consciência crítica necessária para superação da ordem social existente⁵.

A crítica de Lênin aos economicistas, em parte, decorria do fato de que eles se prostravam ante a espontaneidade e cumpriam um desserviço com relação à instrução política da classe trabalhadora.⁶ No plano mais geral, para ele, essa era uma luta na qual os marxistas deveriam adotar uma atitude de combate ideológico, uma vez que a formação espontânea, meramente econômica, implicaria reproduzir a lógica dominante, e por extensão, a ideologia burguesa. De acordo com o dirigente da Revolução Russa,

Uma vez que nem sequer se pode falar de uma ideologia independente elaborada pelas próprias massas operárias no decurso do seu movimento, o problema põe-se unicamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. (LÊNIN, 1978:48/49.

Aqui, convém reaver outra característica do pensamento leninista: a ideologia socialista não aflorou naturalmente da luta econômica de massas. Logo, ela não pode ser apreendida pelo movimento operário, salvo “de fora”. Mas esse é somente um aspecto da questão. Sem a unidade entre a classe operária e o programa socialista, a revolução, à maneira de Marx, é totalmente inatingível.

⁵ Para que não parem dúvidas a esse respeito, vejamos a seguinte citação de Lênin, extraída de o “*Que fazer?*”: “A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da esfera das relações entre operários. A única esfera em que se pode obter estes conhecimentos é na esfera das relações de todas as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de todas as classes entre si’ (1978:92).

⁶ Na obra “*Que fazer?*”, Lênin polemizou duramente com a corrente dos economicistas, que reverenciava o espontaneísmo das lutas sindicais, deixando aos políticos liberais uma avenida, na qual atuavam sossegadamente. Grosso modo, era como se os trabalhadores devessem levar a cabo as suas reivindicações e lutas econômicas, cabendo aos representantes das “classes cultas” a tarefa de tomar nas mãos o enfoque das questões políticas. Para Lênin, os trabalhadores deveriam se instruir politicamente e concorrer por suas posições perante as demais classes da sociedade. Esse aspecto marca profundamente a ideia de Educação política que caracteriza o enfoque leninista.

Forçando a linha de raciocínio, dir-se-ia que, nessa questão, Lênin se aproximou do Marx da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, para quem a dissolução da ordem societária existente decorreria do encontro do proletariado com as armas espirituais que, pelo exposto, produziria a emancipação social.

O teor e o tom da sua retórica apontam em uma só direção: “tudo o que seja rebaixar a ideologia socialista, tudo o que seja afastar-se dela significa fortalecer a ideologia burguesa” (LÊNIN, 1978:49). Nesse sentido, para Lênin, a Educação política é uma Educação socialista. Mészáros, decerto, falaria de uma “*Educação para além do capital*”. Nessas condições, cogitamos que o líder bolchevique estava convencido da insuficiência da crítica da ordem social existente e da sua ideologia. Junto disso, era fundamental apresentar o novo ponto de vista e esse anelo se concretizava na “ideologia socialista”. Eis, resumidamente expresso, o chamado “elemento consciente”. Nessa perspectiva, Vladimir Ulianov definia que “Devemos empreender ativamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política” (1978:68). Nesses termos, a luta política se relaciona “à necessidade de desenvolver a consciência política em todos os seus aspectos”. (IDEM, P. 69).

Isso posto, os revolucionários marxistas deveriam atuar como educadores, não no sentido corriqueiro do termo, mas com arrimo nos postulados que, hoje, poderíamos definir como tipicamente leninistas. No encaixe de ligações coerentes com esses postulados, esses educadores atuariam como agitadores (que explicariam uma ou poucas ideias a muitas pessoas) e propagandistas (explicando várias ideias para poucas pessoas). Com consequência, é forte a tentação de Lênin em ressaltar a agitação política como meio crucial de Educação política:

E uma das condições essenciais para essa extensão indispensável da agitação política é organizar denúncias políticas que abarquem todos os terrenos. A consciência política e a atividade revolucionária das massas não podem ser educadas senão com base nestas denúncias. (1978:81)

Define-se, desta maneira, um terceiro aspecto das reflexões postas na obra “*Que fazer?*”: a integração indissolúvel da teoria com a prática. Para o autor do livro, “Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário” (PP. 32/33). Não resta dúvida, porém, que o inverso é também verdadeiro. Em vista dessas circunstâncias, “consciência política” e “atividade revolucionária das massas” são dois

lados de uma só medalha; uma não existe sem a outra ou, em outras palavras, uma não se desenvolve sem a outra.

Obviamente, há uma convivência tensa entre atividade e consciência, e, nessa partilha, decerto, o seu desenvolvimento, de modo inequívoco, é desigual. Mas, independentemente disso, a Educação, na óptica leninista, envolve esses dois aspectos: atividade e consciência. Esse é o seu aspecto definidor, a sua roda motora.

Do ponto de vista leninista, educar a atividade revolucionária das massas, em larga medida, é uma tarefa inadiável. À luz dessa fundamentação, a consciência política ilumina a atividade revolucionária das massas, mas, com sinal trocado, só estas, por meio da sua ação concreta, podem lhes proporcionar materialidade. Ou a classe trabalhadora transforma a sociedade vigente ou esta não será transformada. Não se trata de uma questão filosófica, mas de um problema político, concreto e prático. Disso decorre que, nesse entrelaçamento contraditório, Lênin nunca deixou de definir o socialismo como a unidade entre o programa da social-democracia revolucionária e o proletariado.

Aceitando a licitude dessa argumentação, talvez se pudesse aquilatar com justeza a fixação de Vladimir Ulianov, reiterando a “necessidade premente que a classe operária tem de conhecimentos políticos e de educação política” (1978:91). Ao contrário dos economicistas, Lênin acreditava na capacidade de aprendizagem política do proletariado industrial. Para ele, os operários eram capazes de adquirir conhecimentos políticos.

A apreensão objetiva das reflexões leninistas, certamente, revelará o antiobrerismo e o antieconomicismo que, numerosas vezes, os críticos do marxismo tendem a desconsiderar, mas que compõem, vigorosamente, a sua concepção da sociedade de classes. Deve-se, pois, indagar aos críticos antimarxistas: qual o lugar do obreirismo ou do economicismo na obra de Lênin? Com efeito, com relação à atitude desses analistas, o som sardônico, em tais circunstâncias, cede o seu posto a um silêncio patético.

Lênin vislumbrava no operário ativo, não o futuro de secretário sindical, nem do Mestre ou Doutor da academia; ele via ali, em última hipótese, despontar o Tribuno Popular. Esse deveria ser o resultado do trabalho de Educação política junto ao operariado. Tratava de um modelo particular de pedagogia: uma pedagogia para revolução.⁷

⁷ À acusação de que Lênin nunca se preocupou seriamente com a Educação, poderia se acoplar outra incriminação: o seu suposto vezo panfletário. No primeiro caso, a proposta educacional de Vladimir

Não se tratava de negar - de maneira absoluta - os modelos de Educação existentes. Ao contrário, Lênin nunca deixou de valorizar os ensinamentos das escolas, no sentido clássico do termo. Em última instância, ele propunha estabelecer a relação-padrão da Educação política como mecanismo indispensável de formação de amplas massas populares que, em linhas gerais, estavam excluídas das instituições escolares. O seu objetivo era educar politicamente essas amplas massas, com vistas, não a conquista de um certificado, mas com a finalidade de subverter a sociedade e mudar o mundo. Assim expresso, o ponto de partida dessa relação-padrão era a ideia de que a classe operária tem necessidade “de amplos e vivos conhecimentos políticos” e o seu escopo era alcançar o “desenvolvimento integral da consciência política do proletariado” (P. 95).⁸

Nessa direção, o líder revolucionário acentuou o seguinte aspecto: a Educação política do proletariado é a sua necessidade mais urgente. Esse princípio cardinal é o eixo que orienta a obra em comento e a perspectiva leninista de Educação. Nesse artigo, no entanto, não tencionamos mitificar essa perspectiva, mas trazê-la a lume, refletir acerca do seu significado, inventiva e criticamente, tomando por referência o conceito particular de formação instituído por Lênin; ate porque, como alertou Boron (2004), não se trata de abordar o “Que fazer?” como *texto sagrado, mumificado e lavrado em pergaminho*.

Essa atitude crítica exige ir além do “Que fazer”; não simplesmente nos debruçando sobre um conjunto interminável de obras do autor, mas, antes de tudo, tentando captar as relações de Lênin com a Educação no terreno prático e cotidiano da experiência política concreta.

A EDUCAÇÃO POLÍTICA COMO PARTE DA ARGAMASSA IDEOLÓGICA DO PROLETARIADO E DA SUA ATIVIDADE REVOLUCIONÁRIA

Ulianov não visava à constituição de um Graduado, um Especialista, Mestre, Doutor etc. Mas por que o Tribuno Popular seria “menor”, intelectualmente falando, do que o Graduado, o Especialista, o Mestre e o Doutor? Por que a Educação não poderia ser pensada de modo distinto do esquema acadêmico, ainda que os distintos modelos de formação, necessariamente, não se excluam? Quanto ao hipotético vezo panfletário, a obra do publicista e a do intelectual marxista se tocam e estabelecem uma linha unitária e, ao mesmo tempo, complexa. O periodista quase informal é o estudioso da dialética de Hegel e de complexos trabalhos de Economia Política. A vulgarização de Lênin, pelo stalinismo, não nos deveria desobrigar de voltar ao cerne das suas obras; redescobri-lo na sua riqueza peculiar e legítima.

⁸ Lênin considerou tão seriamente a questão que, convencido que a estrutura fabril condicionava os operários e lhes retirava a possibilidade de uma percepção integral do mundo, propôs a profissionalização dos operários mais ativos, permitindo que eles tivessem o tempo necessário para que se educassem como revolucionários “por inteiro”.

Para Lênin (1978), havia a necessidade de se enfrentar a “fraseologia tradicional” e a “antiga concepção de mundo”, pertencentes à ideologia dominante: burguesa. Ao lado disso, para ele, seria igualmente necessário estudar o material teórico-ideológico em franca oposição ao contendor tradicional; material definitivamente corporificado na doutrina socialista. Em suas palavras, “tudo o que seja rebaixar a ideologia socialista, tudo o que seja afastar-se dela significa fortalecer a ideologia burguesa” (LÊNIN, 1978:49). Aí estaria o elemento consciente da transformação social, da “luta encarniçada sobre a espontaneidade”. Para assimilá-lo havia a imperiosidade de estudá-lo. Tratá-lo basicamente como objeto de uma apreciação rigorosa, científica.

Não por acaso, o autor do Que fazer (?) concluirá de modo peremptório, sem meias palavras: “Devemos empreender ativamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política” (LÊNIN, 1978:69). Ali, em uma das suas obras-chave, o autor ressalta a relevância da educação. Não a educação em geral, mas a EDUCAÇÃO POLÍTICA.

A forma que Lênin emprestou ao termo educação tem um sentido específico que exige um estudo particular e concreto. Trata-se da educação em um sentido vivificante, emancipador. Mészáros, decerto, falaria de uma educação para além do capital. Em sentido leninista, a questão está em integrar as massas trabalhadoras numa luta política ativa.

Gramsci talvez devesse se expressar em termos de educação como práxis. Mas esse entendimento já se encontrava, em germe, no pensamento de Lênin – que compreendia o processo educativo das massas em uma aprendizagem que, em última hipótese, teria como base os fatos e acontecimentos políticos concretos. Sob essa perspectiva, as denúncias (revelações) políticas cumpririam um papel de inevitável valor na processualidade por ele definida como educação política. Assim sendo, as “denúncias políticas que abarcam todos os aspectos da vida são uma condição indispensável e fundamental para educar a atividade revolucionária das massas” (LÊNIN, 1978:82).

Em Lênin, não há exagero em se reconhecer – no marco da sua visão de mundo – a existência de uma educação para revolução: uma pedagogia revolucionária. Dessa maneira, as revelações políticas suficientemente amplas estariam a serviço de uma

abordagem pedagógica caracteristicamente revolucionária cujo objetivo primordial estaria em “desenvolver a consciência política da classe operária” (LÊNIN, 1978:91). O ponto focal de tal estratégia educacional se vincularia à “necessidade premente que a classe operária tem de conhecimentos políticos e de educação política” (idem).

Aqui, se delineia com clareza uma percepção do conhecimento como conhecimento político e da educação como educação política. A classe operária tem a “necessidade premente” de adquirir conhecimento e educação como via indispensável para alcançar a sua real emancipação.

Em suma, o horizonte leninista é o da educação da atividade revolucionária. Dito isso, o dilema que se coloca é: a forma que emprestou Lênin à ideia de educação poderia ser considerada como um modo de encarar a questão ou, de fato, essa forma de trazer à tona o problema acarreta danos irreversíveis a uma “verdadeira” noção do processo educativo?

Pesquisando, mapeando e medindo o pensamento de um homem de ação como Lênin devemos sempre ter na lembrança que estamos frente a um intelectual e militante marxista. Com brevidade, mas prudência, não seria recomendável nos furtar de reter o essencial da apreensão marxista acerca do significado mais denso do que seja educação. Um esquadrinamento da questão talvez nos permita um acercamento de tal ideia. Por exemplo, Manacorda (2010) define a ideia de educação para o marxismo nos seguintes termos:

O marxismo não rejeita, mas assume todas as conquistas, ideias e práticas da burguesia no campo da instrução, já mencionadas: universidade, laicidade, estatalidade, gratuidade, renovação cultural, assunção da temática do trabalho, como também a compreensão dos aspectos literário, intelectual, moral, físico, industrial e cívico. O que o marxismo acrescenta de próprio é, além de uma dura crítica à burguesia pela incapacidade de realizar estes seus programas, uma assunção mais radical e conseqüente destas premissas e uma concepção mais orgânica da união instrução-trabalho na perspectiva oweniana de uma formação de todos os homens (p. 357).

Buscar as coordenadas gerais do marxismo à volta do tema universal da educação sem não antes se ativer a esses elementos pode reduzir esse exame a um beco sem saída histórico. A tradição marxista, desde Marx, Engels e o manifesto comunista, tem se remetido às questões que, direta e indiretamente, estão colocadas e desenvolvidas na passagem extraída de Manacorda. Nessa mesma toada, Gramsci dedicou parte da sua

obra à abordagem da temática educacional tomando por referência o princípio unitário que é sugerido na citação acima. Vygotsky referiu-se – mais de uma vez – aos limites da educação tradicional. Logo, o tema da educação geral, inclusive em sua tessitura formal, se fez objeto das preocupações marxistas. Acontece que a educação transbordou os seus centros de difusão tradicionais e estendeu a prática pedagógica para além dos intramuros das instituições escolares. Em Lênin é este o horizonte que se desenha em cores abundantemente vivas: um aprendizado para muitos. Tal fato, no entanto, se inscreve em um quadro mais amplo: o da escola da luta de classes em seu sentido mais vasto e complexo – como escola de formação política.

Entre o que em si é a educação (em seu sentido usual) e o que em si é a educação política em Lênin, de fato, é perceptível uma diferença irrecusavelmente qualitativa, em que a primeira é parcialmente rejeitada/assimilada para que a segunda contribua, em extensão e profundidade, com a formação de uma ampla consciência política entre as massas proletárias. Em suas muitas e intrincadas conexões, os diversos modos de encarar o processo educativo compelem a um sem número de vertentes pedagógicas que não acarreta danos irreversíveis ao processo educativo; inversamente, apenas indica o caráter multifário que lhe confere mais do que um banal sentido. Não obstante a sua forma particular de abordar o tema, a interpelação de Lênin é um recurso, um método e uma ordem de tratar a prática educacional. Ou seja: não a nega; dota-a de uma forma peculiar, conscientemente revolucionária.

Ora, Costa (2010) alerta que “a práxis educativa é ideológica” (p. 177). Sendo assim, a interpelação de Lênin, tanto quanto qualquer uma das que são vivenciadas no âmbito da formação escolar institucional; Mas, diferentemente da maioria absoluta delas, a do velho revolucionário russo é pautada pela forma revolucionária que, em última análise, define o seu conteúdo e coincide em toda a sua extensão com a ideologia socialista. Em suma, a educação leninista tem uma expressão inapelavelmente socialista.

À maneira de esclarecimento, é válido ressaltar que, em geral, as formas educativas tradicionais induzem os indivíduos a que “reajam no modo socialmente desejado”, interiorizando “uma estrutura de valores que assegure nas diversas situações, o horizonte dentro do qual os homens definem seus próprios objetivos e fins específicos” (COSTA, 2010:184).

Esse não é um terreno plano, mas sim marcado pela aspereza, pela rugosidade. A educação formal tende a apresentar como seu um horizonte que não vai além do “círculo de ferro do capital”, como nos faz lembrar Frederico Costa. Inversamente, o horizonte histórico da práxis formativa, em Lênin, aponta para além do círculo de ferro acima citado. Vazado em molde diferente, repõe ao mundo uma prática educativa centrada não na política em geral, mas em uma política revolucionária. Não é um exercício para evocar o mundo, mas para transformá-lo. Sem se deixar levar pela corrente, a educação política leninista enfrenta à estratégia de reprodução da ordem do capital e lhe opõe como estratégia alternativa o embate pelo socialismo.

Como sinaliza o autor antes citado, o discurso dominante no espaço educacional “é revelador não só pelo que diz, mas principalmente pelo que não diz diante do conflito basilar entre capital e trabalho, o que evidencia que ele não aponta para além do capital, sendo, portanto, refém e cúmplice da decadência capitalista” (Costa, 2010:186).

Afastando-se da rota trilhada pelo espaço educacional formal, Lênin não só evidencia a constante do “conflito basilar entre capital e trabalho”, mas, se colocando no campo do trabalho, “aponta para além do capital” e da “decadência capitalista”. Eis o conteúdo mais profundo da educação política que se desprende das páginas do *Que fazer* (?).

Lembrando o que escreveu Nosella (2004), esse é um “robusto debate entre pensamentos fortes” (p. 21). Efetivamente, o círculo educativo formal é capaz de promover “conquistas teóricas parciais”, como reconhece Costa (2010), mas permanece refém dos limites impostos pela sociabilidade capitalista. É evidente que não se trata de uma reprodução caricatural ou de um assentimento pleno, mas de uma reprodução sutil, engenhosa, refinada e repleta de mediações. Mas os seus vários modelos têm se revelado incapazes de promoverem um enfoque e uma práxis que tenham o condão de propiciar um processo que vá além dos pedaços e prestações com os quais se debruçam ante a totalidade capitalista. Em Lênin, ao contrário, a educação política tem sempre em mente essa totalidade. Mais do que isso: aí não se trata de remir as perdas, mas de enfrentá-las e superá-las. Ou seja: é a educação política como estratégia.

Redutível a esse entendimento, a nosso ver, é a definição de Mészáros (2008) em que o papel da educação é reproposto em estreito nexos com “o desenvolvimento tão necessário da consciência socialista” ante o que o autor declara como “a grave crise

estrutural da ordem sociometabólica do capital” (p. 120). Nesse escopo, “o papel da educação é crucial” e dentro dela a “educação socialista” tende a cumprir um “papel desmistificador” e de contraposição “à dominação global do capital”. Ainda quando não pareça, foi nessa direção que apontou Vladimir Ulianov Lênin quando escreveu as memoráveis páginas de *Que Fazer*. Há de se admitir, particularmente os contendores honestos, que poucas vezes a problematização de um determinado objeto se fez com tanto discernimento. Parodiando Eagleton (2012), não há como não dizer: Lênin estava certo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORON, Atílio. **Actualidad de “Que hacer?” de Lenine**, disponível in: <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=7718>. Acesso em 11 de abril de 2014.

COSTA, Frederico. **Marxismo, história e educação**. In: *Vozes da FACEDI*, Fortaleza, EDUECE, 2010.

EAGLETON, Terry. **Marx estava certo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.

LÉNINE: Biografia, Lisboa/Portugal: Edições Avante, 1984.

LÊNIN, Vladimir Ulianov. **Que fazer?**, 2ª ed., Lisboa/Portugal: Editorial Avante, 1978.

_____ “Discurso na conferência de toda a Rússia dos comitês de instrução política das seções de Gubérnia e Uezd da instrução pública”, in **Obras Escolhidas**, Tomo 3, Lisboa/Portugal: Edições Avante, 1982.

MANACORDA, Mario A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 13ª edição, São Paulo, Cortez Editora, 2010.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**, São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**, São Paulo: Boitempo, 2008.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. São Paulo, Cortez Editora, 2004.

SERGE, Victor. **Memórias de um revolucionário**, São Paulo: Cia. das Letras, 1987.